

A scenic landscape featuring a clear blue sky and rolling mountains. In the foreground, there are plants with green and reddish-brown leaves. A white text box is overlaid on the right side of the image.

ARTE e SUSTENTABILIDADE

Residência Artística Terra UNA

Curadoria: Beatriz Lemos / Coordenação geral: Nadam Guerra

Coordenação de produção: Domingos Guimaraens

Artistas: João Modé, Laura Lima, Marcos Cardoso

Colaboradores: Jaya Pravaz, Emmanuel Khodja, Filipe Freitas, Diogo Alvim

Parceria: Terra UNA, Ponto de Cultura e Sustentabilidade, Instituto Walden

Revisão de textos: Itamar Rigueira Jr

Fotografias: Domingos Guimaraens, Emmanuel Khodja, Filipe Freitas, Julio Callado, Laura Lima, Nadam Guerra.

Desenho gráfico: Daniel Salamanca. Mirona estudio de diseño / www.mirona.com.co



Esta iniciativa integra o Prêmio Interações Estéticas - Residências Artísticas em Pontos de Cultura

ÍNDICE

Curadoria

-4- Apresentação / Arte e Sustentabilidade / Por **Beatriz Lemos**

Artistas

-15- Intervenção em Terra UNA / Por **João Modé**

-23- Verão / Por **Laura Lima**

-31- Paisagem natural / Por **Marcos Cardoso**

Colaboradores

-40- Vida-arte, arte-cura / Por **Jaya Paula Pravaz**

-47- A poesia da arte e a prosa da sustentabilidade / Por **Emmanuel Khodja**

-62- Interfaces salutares / Por **Filipe Freitas**

-70- Uma ponte poética entre arte e sustentabilidade / Por **Diogo Alvim**

ARTE E SUSTENTABILIDADE POR BEATRIZ LEMOS

Não há uma definição clara do que venha a ser sustentabilidade. Tão pouco de que algo tenha alcançado a sustentabilidade. Nada é autossustentável neste planeta.¹ Essas são afirmações que poderiam estagnar processos de estudos e aprofundamentos sobre o termo *sustentabilidade*, contudo a busca pela compreensão e absorção deste conceito sistêmico, que abraça diversas dimensões da vida, se mostra cada vez mais iminente. Como na arte, a sustentabilidade não carece de uma definição objetiva, encerrada em parâmetros acadêmicos, pois é composta de processos de resultados muitas vezes intangíveis. Relações de interdependência, ciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade são propriedades fundamentais para o decurso sustentável e podem, perfeitamente, ser estendidas para o interior do sistema de arte. Envolvidas por padrões de organização articulados a diversas conexões, arte e sustentabilidade compartilham muitos princípios de presença no mundo e, sem dúvida, poderíamos

¹ Khodja, Emmanuel. Conversas em trânsito. Entrevista entre Beatriz Lemos e Emmanuel Khodja para o projeto EME. Rio de Janeiro. [<http://emedata.blogspot.com/>]



encará-las como processos resilientes em nossas sociedades.²

O encontro desses dois polos de pensamento e ação vem ocorrendo em Terra UNA desde o início das atividades do Programa de Residências Artísticas (2008), proporcionando intensas reflexões de ambos os lados. Entretanto, ao desenhar uma possibilidade a mais de reunião desses conceitos entendeu-se a urgência – em primeira instância no

² A resiliência é um termo físico constantemente mencionado em estudos da sustentabilidade e que significa, em sua acepção literal, a capacidade de um corpo voltar ao seu estado natural depois da adversidade. Este termo definido como propriedade da sustentabilidade foi citado em: Khodja, Emmanuel, op.cit.

que diz respeito à legitimidade do trabalho de arte desenvolvido em Terra UNA e, conseqüentemente, na esfera da arte e dos estudos sobre sustentabilidade – de uma proposta de trabalho em que artistas, contando com a cooperação de profissionais da sustentabilidade e moradores da ecovila, pudessem produzir obras especiais para o lugar.

Nesse sentido, o projeto *Arte e Sustentabilidade* surgiu da vontade de promover conversas, trocas e pensamentos durante pequenos e espaçados períodos de convivência em Terra UNA ao longo de seis meses. Tais conversas foram entremeadas por dinâmicas vivenciais, apresentação de portfólios e a rotina de divisão

de tarefas da ecovila. Os artistas João Modé, Laura Lima e Marcos Cardoso desenvolveram seus trabalhos em UNA a partir da observação da paisagem, sociabilidade e contexto, instigados pelas intervenções dos moradores Diogo Alvim, Emmanuel Kodja, Filipe Freitas e Jaya Pravaz, que também participam deste catálogo com ensaios.

Se exatas definições não são possíveis, arte e sustentabilidade propiciam, quando confrontadas, reflexões que abrangem um redesenho de mundo e a complexidade de apreensão social para uma cultura mais consciente crítica e sensivelmente. Quais seriam as ferramentas instigadoras para o

Da esquerda para direita e de cima para baixo >
Filipe Freitas, Laura Lima, Marcos Cardoso,
Nadam Guerra, Marina Dain, João
Modé, Emmanuel Khodja, Edmilson Nunes,
Marcone Moreira, Bruno Jacomino, Jaya Pravaz,
Beatriz Lemos, Carpinteiro Leo, Diogo Alvim e
Domingos Guimaraens.



aporte à ampla percepção de desejos e ações de transmutação de mundo? É neste processo de transição que nos deparamos agora: precisamos encontrar, compreender e absorver os novos paradigmas da humanidade. Esta consciência da prática da sustentabilidade em suas variadas esferas (sociedade, economia, ecologia, espiritualidade, alimentação, saúde, educação, cultura, arquitetura, urbanismo, política, planejamento de projetos, visão de mundo, entre muitas outras) vem sendo compreendida e aplicada em Terra UNA, e é no âmbito da arte, dos trabalhos artísticos ali realizados, que essa consciência se depara com o componente do poético, do sensível e subjetivo.

Paisagem em UNA é assunto imponente. Na ecovila, localizada em um vale de montanhas verdes e rodeada por cachoeiras, não há lugar que não impressione o olhar. Natureza exuberante e sedutora. Justamente por sua suntuosidade, a paisagem de Terra UNA tornou-se o “elemento” de maior impacto sobre o artista visitante, e está presente em muitos trabalhos realizados no marco das residências. Não por acaso, foi ao absorver esse impacto que João Modé esculpiu em barro e sisal uma paisagem intimista, escondida na mata, onde a majestade reinava nos detalhes. Para chegar à *Intervenção em Terra Una* era preciso cruzar a casa da tartaruga³, passar por baixo das três araucárias gigantes, atravessar o

³ Uma das moradias da ecovila, onde, eventualmente, se hospedam os artistas em residência.

solo pantanoso, adentrar o emaranhado de cipós e caminhar à beira do rio. Sua paisagem construída não era um espetáculo. Pelo contrário, encontrá-la demandava introspecção. João a desenhou com pequeninos jarros e vasos de cerâmica que já o acompanhavam havia tempos e aguardavam o chamado do artista. “Sempre que olhava para eles sabia que um dia se tornariam uma obra.” Foi frase similar que João me disse durante seu processo de trabalho. Pendurados em galhos ou descansados, entre as pedras, dentro do rio, as peças de cerâmicas iam e vinham com o vento ou com o fluxo das águas e compunham ao lado de nichos moldados em argila, galhos, plantas e cipó este lírico lugar para observar e habitar com a mente.⁴

João costuma nos mostrar o que nós sequer nos damos conta de que não vemos. Está ali e é tão sutil que não percebemos. Contempla os grandes e pequenos mundos a sua volta e, sutilmente, os faz presentes. Em Terra UNA, com reduzidos gestos João indicou o caminho para uma reconexão dos sentidos em comunhão com a natureza, em que a observação se torna comunicação. Aprender a particularidade desse tempo de que nos fala a obra é atentar para seu caráter de transformação, que segue o ritmo e o curso do rio que a compõe. Trata-se do desejo do fluxo: uma paisagem desenhada

⁴ Modé, João. Alguns infinitos. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010, pág 68.

para o encontro de sua dispersão, formada de “acúmulos de memórias e o tempo passando. Gentilmente”.⁵

Foi também a partir da percepção, porém não da paisagem e sim das pessoas e suas relações comunitárias, que Laura Lima sonorizou os principais (ou os mais marcantes) rituais de convivência da ecovila: o trabalho na cozinha, a reunião de todos para o almoço, a caminhada na floresta e a hora de ir embora. Para cada momento preparou playlists com músicas variadas, pertencentes a uma memória coletiva universal, que funcionam como códigos de

⁵ Idem

acesso a lembranças e modos de estar. *Verão* tem em sua imaterialidade o dispositivo da livre circulação (as trilhas estão disponíveis para reprodução) e da autonomia na realização da obra, que muito dependerá dos desejos individuais ou coletivos unidos à atmosfera afetiva propícia para cada rotineiro momento.

As trilhas sonoras foram compostas como celebração às relações construídas em Terra UNA. Ao decidirem implementar a ecovila, seus membros-fundadores idealizaram uma microssociedade, onde indivíduos em interação compartissem da consciência de formação de uma unidade voltada para o exercício de práticas sustentáveis nas relações humanas.



Sendo assim, a obra de Laura discursa sobre o cotidiano dessa invenção de mundo, em que instantes coletivos e solitários, habituais e emotivos, portam, intimamente, a utopia intrínseca contida na gestação desse lugar singular. Em *Verão* Laura Lima dá continuidade a sua pesquisa por trabalhos “com a presença de seres vivos, principalmente os humanos”⁶, como componentes de cenas, a priori visualizadas por ela, porém sem qualquer indício de ensaio. Partituras para livres acontecimentos, as trilhas sonoras contracenam, durante a instalação da obra, com sujeitos, gestos,

⁶ Lima, Laura apud Scovino, Felipe. *Laura Lima – Grande*. Catálogo de exposição Casa França-Brasil, 2011.

ações e palavras. Um cinema vital de imagens efêmeras.

No percurso de desenvolvimento do trabalho a artista elaborou como processo investigativo ideias/situações imaginárias, retiradas de seu arquivo de memórias pessoal ou remanescentes de projetos anteriores, que possam vir – quem sabe um dia – a ser realizadas em Terra UNA: um roteiro para rapsódia com personagens reais, pessoas que Laura conhecera em suas estadias na ecovila, e um jardim de totens-privadas para que sejam aproveitados ao ar livre – ideia que esboçou em desenho -.

Divisão de tarefas e tomada de decisões por meio

do consenso são práticas de sociabilidade exercitadas pela comunidade. A harmonia no labor em prol da terra e a consciência do bem coletivo são notadas nos momentos de mutirões agrícolas, planejamentos de ocupação do terreno e reuniões sobre logísticas internas, e estiveram presentes no processo para a realização da obra de Marcos Cardoso. Do local a ser aplicado o trabalho à mensagem difundida por ele, tudo foi debatido e escolhido de modo coletivo, por artista e moradores, com a sincera intenção de congregar-se ao conjunto arquitetônico da ecovila. Um painel de mosaico construído por muitos, com medidas exatas de festividade e desatinos por parte dos que lá vivem, congregou reflexões acerca de questões



surgidas ao longo dos encontros sugeridos pelo projeto, como o destino dos resíduos nas grandes cidades, o reaproveitamento de objetos, além, claro, da “artesanaria inventiva”⁷ desenvolvida por Marcos em suas obras. Construído no primeiro andar do galpão, local que abriga biblioteca e ateliê para os artistas residentes, *Paisagem Natural* reúne objetos e pequenos azulejos descartados, encontrados pelo artista, para emitir recado que não poderia ser diferente: união, natureza e arte.

Artista que mantém rotina diária no ateliê, Marcos expõe seu pensamento estético através da habilidade com as mãos. Embora tenha em seu histórico vasta experiência de atuação no carnaval – disciplina que reverbera em sua obra –, sua produção artística vai além do popular, articulando elementos de uso comum a uma reflexão crítica de certas práticas sociais. Marcos ressignifica o descarte transformando-o em posicionamento político – mesmo que não seja esta a base conceitual de seu trabalho com frequência afirmada pelo artista: “Eu faço porque acho bonito”. Em Terra UNA, Marcos Cardoso sintetizou em sua obra – na maneira com que foi realizada e como esta foi recebida por seu público – o desafio comunitário de reunir “pessoas com experiências bem diferentes tentando entender como viver

⁷ Osório, Luis Camilo. As alegorias plásticas de Marcos Cardoso. In: Marcos Cardoso. Catálogo de exposição Galeria Anna Maria Niemeyer, 2001.

com essas diferenças”.

Nesta publicação estão reunidos registros da convivência e das intervenções em Terra UNA. A cada artista foram entregues as cinco páginas correspondentes para suas livres apresentações sobre o trabalho realizado. Aos colaboradores foi proposta a produção de ensaios que abraçassem a complexidade dos temas surgidos durante a programação de conversas como, também, suas visões pessoais acerca das obras e as conexões com o pensamento sustentável. Daniel Salamanca, artista e design gráfico colombiano, residente em UNA durante o período que coincidiu com o *Arte e Sustentabilidade*, foi o convidado a desenhar graficamente esses encontros.



JOAO MODÉ

INTERVENÇÃO EM TERRA UNA









LAURA LIMA

VERÃO

TRILHA COZINHA

Summertime/Angélique Kidjo/4:22
Yegelle Tezeta/Mulatu Astatke/3:15
Its a beautiful day/Club des Belugas/3:28
Telefone/Dom Um Romão/1:57
Egberto Gismonti (title?)/Egberto Gismonti/3:55
I want to marry a lighthouse keeper/Ericka Eigen/1:04
Aquarius/Hair/4:48
Richard Wright-Sisyphus Part3/Pink Floyd/1:49
Ain't no Sunshine/Bill Withers/2:03
Salsation/David Shire/3:51
Rebonds "b" (1987-89) for percussion solo/Iannis Xena- kis/5:55
A Banca do Distinto/Elza Soares/2:11
Rezos/Bobi Céspedes/5:34
Golden Years/David Bowie/4:01
I Say a Little Prayer/Aretha Franklin/3:29

00:51:06 / 74.6MB

TRILHA ALMOÇO

Overture to the Sun/Terry Tucker/Clockwork Orange album/1:47

Plenty/Guru Feat. Erykah Badu/4:37

Jeru/Miles Davis/3:13

Tout les Garçons et les Filles/Françoise Hardy/3:09

The Makings of You/Curtis Mayfield/3:42

Matrux/Dizzy Gillespie/4:06

Metamorfose Ambulante/Raul Seixas/3:48

Andy Warhol/David Bowie/3:57

Kathy's Waltz/The Dave Brubeck Quartet/4:54

Track11/Aracy de Almeida/2:32

That Old Feeling/Chet Baker/3:04

Perfect Day/Lou Reed/3:45

Whisper Not/Joe Spinaci and the Brookolino Orchestra Feat. Miriam Aida/3:02

É Proibido Fumar-Louco-Não Estou Mais/Roberto Carlos/2:14

Samba de mon Couer Oui Bat/Coralie Clement/3:52

Retiro da Saudade/Carmem Miranda e Francisco Alves/3:16

Continuando/Jehro/3:35

My World is Empty Without You/Jose Feliciano/3:18

My Baby Just Cares for Me/Nina Simone/3:37

Volta por Cima/Oswaldo Nunes/3:03

Boogie Shoes/K.C. & The Sunshine Band/2:18

Madalena/Elis Regina & Ivan Lins/2:39

Sala de Recepção/Cartola/3:29

Shoot me Dead/Caetano Veloso/3:19

I'm Sticking with You/The Velvet Underground/2:26

Proezas de Solon/Pixinguinha/2:31

1:25:00 / 112.4MB

TRILHA FLORESTA

Aiena (vinheta)/Marssaes/0:40

Saudação a Oxossi/Candomblé/2:48

Where is the Line/Bjork-Medulla/4:41

Title Theme/Clockwork Orange/2:26

One Night in Tokyo/Colder/6:23

Take a Walk on the Wild Side/The Velvet Underground/4:12

Cry Me a River (Truth and Soul Remix)/Dina Washington/2:45

Um Passeio no Mundo Livre/Chico Science e Nação Zumbi/4:02

Several Species of Small Furry Animals Gathered Together in a Cave and Grooving with a Pict/Pink Floyd/5:02

Ancestors/Bjork/4:08

Valsa de Eurídice/Baden Powell/2:13

Up the Beach/Jane's Addiction/3:03

Peaches en Regalia/Frank Zappa/3:39

You've Got to Have Freedom/Pharoah Sanders/6:45

00:41:05 / 57.9MB

Under my Thumb/Rolling Stones/3:41

O Homem da Gravata Florida/Jorge Ben/3:06

Train1/Phillip Glass/21:26

Saudação a Oxum/Candomblé/2:47

Renaissance/All Natural & Lone Catalyst/4:50

TRILHA DESPEDIDA

Close to You/Phyllis Dillon/3:08

As Tears Go By/Rolling Stones/2:44

Femme Fatale/The Velvet Underground/2:36

Never Can Say Goodbye/Isaac Hayes/3:36

Going to California/Led Zeppelin/3:34

Girl/Pulp Fiction/3:10

Hotel California/Eagles/6:32

The Shadow of your Smile/Blosson Dearie/4:13

Put your Records On/Corinne Balley Rae/3:36

Boa Viagem/Aurora Miranda/2:49

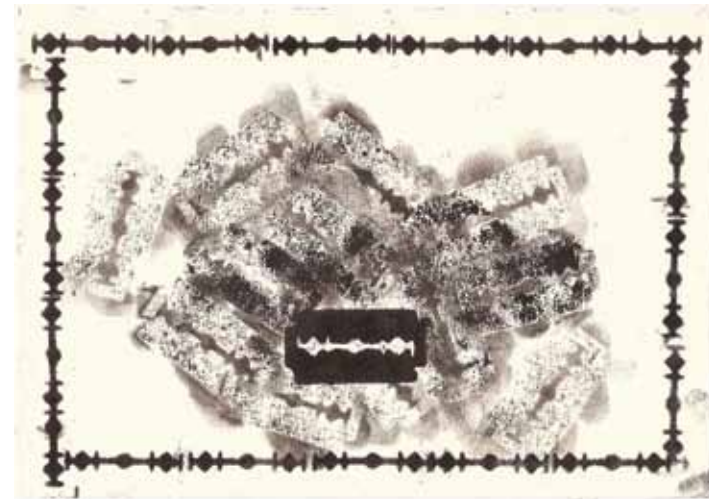
Je Pense à Toi/Amadou & Mariam/5:12

O arquivo com as quatro trilhas sonoras estão à disposição dos visitantes de Terra UNA e podem ser multiplicados indefinidamente. Nesta publicação estão transcritos os títulos e autores tal qual se apresentam em meu arquivo pessoal.



MARCOS CARDOSO

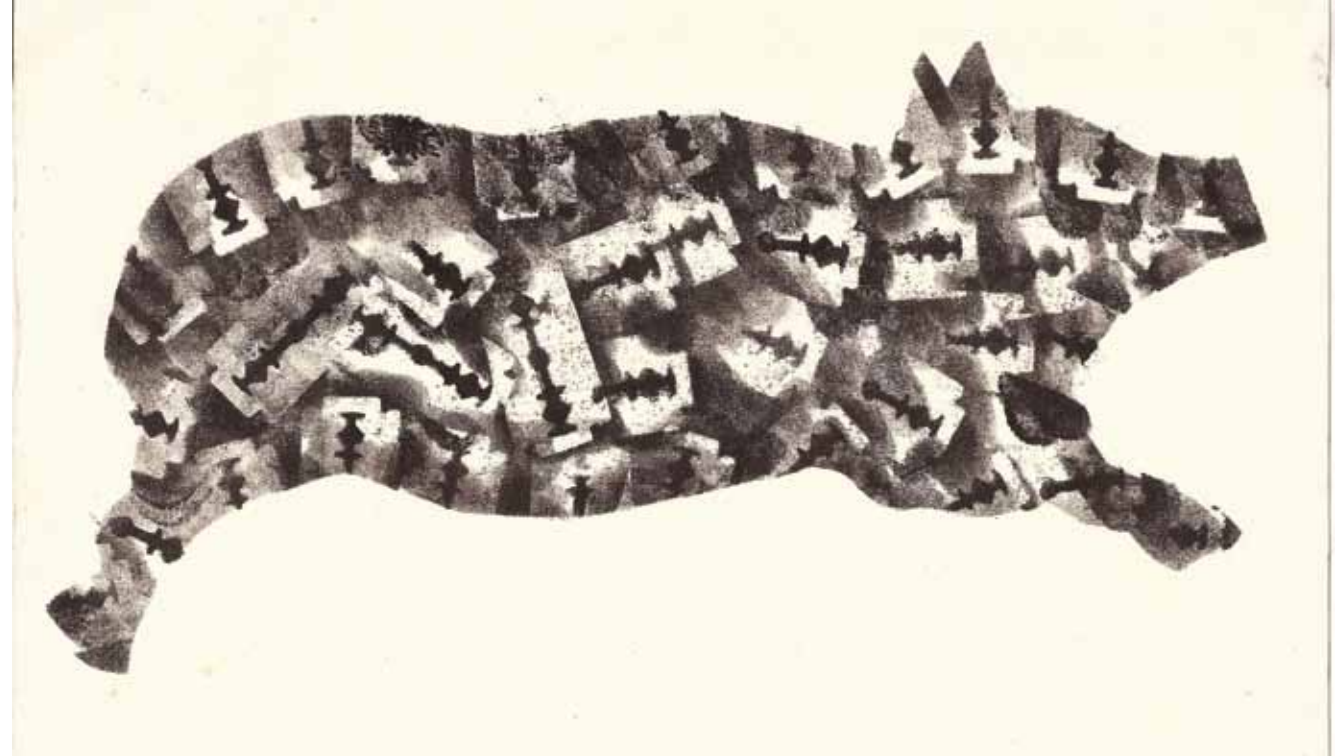
PAISAGEM NATURAL





Quando convocado por Bia Lemos para participar do projeto na companhia do João Modé e da Laura Lima, logo imaginei um lugar onde haveria muita tecnologia de ponta para se viver sem tecnologia. Sim, estava certo e errado, ao encontrar um lugar em que para você ligar um computador tem que subir, subir, subir até chegar ao alto da montanha. Enquanto ao pé da montanha muita tecnologia de "cabeça". Pessoas com experiências bem diferentes tentando ali entender como viver com essas diferenças dentro de uma natureza com personalidade própria, caráter e independência.







COLABORADORES

VIDA-ARTE, ARTE-CURA POR JAYA PAULA PRAVAZ

O Marcos te olha bem no olho quando fala. E escuta. Sorri, se encanta e diz que o que se faz com amor está bem feito, o que importa é que tenha coração. E fez um mural conosco. Um mural que muda cada vez que você olha. Às vezes um caos, outras um tesouro. Inventário de tudo o que há aqui em Terra UNA. O fazer foi assim, feito juntos, sem planos, deixando que as coisas se encaixem, ou não. E quebramos azulejos, colamos chinelos, tampinhas e colheres. Escrevemos união, natureza e arte. E não tinha certo nem errado. Experiência livre e catártica. Há quem tenha o desejo de formas belas, e há quem se diverte com o vale tudo. E em um coletivo há de haver consenso. E há de haver espaço para as diferenças.

Laura olha profundo, com perguntas, olha de longe, de perto, se interessa. Ela fez uma trilha sonora. Criou espaços abstratos coletivos. Ficamos juntos no ouvir e estar juntos faz bem. Nos uniu pelo som, dando ritmo e melodia para o cozinhar, o comer, o despedir-se. Pegou suas memórias sonoras de momentos de encontro e inundou o ar com música. Criando sentimentos, abrindo espaço para fazer do cotidiano um evento estético. Trazendo as cores do som para que o dia a dia cresça, se expanda e fique

permeado das danças internas e externas que surgem com a música. Vida/filme. Vida/arte.

O João foi para o bosque e ouviu as fadas, as águas, as folhas. Deu presentes ao espaço. Presentes sutis e pequeninos, de barro, de palha, que se desfazem com o tempo e se fundem. Não se sabe se foi ele que fez, ou foi a floresta. Cocriação com o rio. O rio acaricia o barro e o transforma. As árvores se mexem com os fios. Tudo dança junto, humano e natureza. E nós ainda vamos lá, assistir ao silêncio de quando o humano se dissolve e vira um com o fluxo, com as pedras, e renasce recriado, igual a ela e diferente, nutrido de delicadezas, inspirado de brisas.

E afinal a arte tem uma função? Objetivo? Finalidade? Qual arte é sustentável? Importa que o seja? Sustento: alimento; arte sustentável: arte que alimenta o todo. Sustento para o indivíduo, sustentável para o planeta. Alimentando de significado, de profundidade, de nuances.

Alimentar a vida que às vezes fica cheia de respostas, certezas e clareza de onde queremos chegar e como devemos caminhar. A arte vem sacudir, dispersar, questionar. Despertar novas camadas de pele, onde já não é tanto chegar lá, mas estar aqui, no corpo que ouve, vê e sente. Sensibilizar com

as combinações novas de cor, som, textura. E é bom por um momento não ter certo nem errado, não ter “função” clara. Como disse Nadam uma vez: “cantar é falar livre de tempo”. E arte é viver livre de certezas, aberto para o desconhecido, para o não saber, para experimentar, pra que dê errado, se desfaça, não funcione, não agrade. Se é sustentável? É necessário. Senão fica tudo certo demais, arrumadinho, previsível, confortável. Precisamos sair um pouco do plano, respirar novos ares, viver momentos de cabeça para baixo. E voltamos refrescados, prontos para seguir viagem no caminho da atenção plena que requer o dar cada passo pensando nos seus efeitos em nós, na comunidade, no planeta. Criando juntos um caminhar onde idealmente possam se unir a

consciência dos efeitos de cada ação nossa sobre o todo e a liberdade de agir espontaneamente.

Acredito que quando estamos atentos à riqueza da vida com que a natureza nos brinda, naturalmente a arte que criamos vai de alguma forma colaborar para o bem-estar coletivo.

Durante a visita dos artistas convidados para o projeto propus uma vivência baseada no Life-Art Process (Processo Vida-Arte) da artista, bailarina e terapeuta Anna Halprin. Nela despertamos a sensibilidade do corpo para o encontro com a natureza a partir do movimento, da respiração, do toque com os elementos (árvores, terra, vento) e deste encontro atento e consciente

surgem ações criativas, alimentadas tanto pelo encontro com as forças naturais como pela nossa história pessoal, gravada em nosso corpo. Este é um campo fértil e rico de interface dentro/fora, homem/natureza. Os elementos ancestralmente têm seus correlatos em nosso mundo interior. O poder do fogo, a fluidez da água; nossa vitalidade, nossas emoções. Quando unimos os símbolos arquetípicos da natureza com os símbolos internos de nossa psique e expressamos este encontro artisticamente, seja na palavra, movimento ou expressão plástica, ativamos um profundo potencial de cura, pois naturalmente de maneira espontânea e intuitiva nosso corpo/mente escolhe os elementos que precisamos

para trazer equilíbrio e harmonia para nosso momento de vida. Expressar criativamente o impacto dos encontros e emoções desafiadoras do nosso cotidiano assim como abrir o corpo, a mente e os sentidos quando estamos rodeados de floresta, de ar puro, de sol ou de chuva, e criar arte a partir do que percebemos é um caminho possível de cura pessoal e planetária.

E vamos trilhando este caminhar em que podemos estar, a cada passo, rodeados de experiências estéticas, de relações criativas, de uma forma artística de olhar para o mundo.

Termino citando novamente o Nadam:

“Sonho com um mundo sem arte”

*Arte é vida concentrada
pessoas vão aos poemas
pegar emprestada vida de mentira
para as suas tão aguardadas.*

*Um dia haverá mais poesia
nas pessoas que nos livros.
Um dia, ir à padaria será poema.
Abrir a porta e olhar o dia
será mais que uma resposta a
“levo guarda-chuva?”*

Um dia, viver será o bastante.





A POESIA DA ARTE E A PROSA DA SUSTENTABILIDADE POR EMMANUEL KHODJA

Sua natureza é ser diversa, dialogar com as diferentes áreas do conhecimento, interpretá-las e propor caminhos, utilizar-se de linguagens e elementos não convencionais para explicitar e realimentar nossos processos, infiltrar-se nos movimentos de transformações socioculturais, criar interfaces onde antes não existiam, abrir espaço para a realização e felicidade humana...

Falo de Arte? Ou de Sustentabilidade? Creio que as definições acima podem ser aplicadas a ambas. Curioso então é constatar como, embora parentes próximas, estas áreas ainda hoje pouco têm se relacionado.

O inovador projeto *Arte e Sustentabilidade*, proposto por Bia Lemos em parceria com a ONG e Ecovila Terra UNA, abre espaço para esta análise, não apenas por aproximar as margens destes territórios, mas pela efetiva busca de estabelecer pontes, zonas de transição que, como os ecótonos entre os

ecossistemas, tendem a ser mais ricos e criativos.

O discurso da sustentabilidade vem, nos últimos anos, se proliferando para quase todas as áreas de atuação humana. Entretanto, são muitas as formas como ele é compreendido e aplicado, em geral variando de acordo com a atividade em foco e com a retórica de seus relatores. Mas uma coisa é certa: o famoso tripé social, econômico e ambiental já não suporta o peso deste discurso que, sem modéstias, propõe um redesenho sistêmico da presença humana neste planeta. Como uma grande escultura magnética, em constante mutação e eternamente inacabada, o paradigma da sustentabilidade segue atraindo, incorporando e criando novos conceitos e

propostas, à medida que entra em contato com as diferentes atividades antrópicas e seus universos peculiares.

Ao promover a interação entre três renomados artistas contemporâneos com uma equipe transdisciplinar de Terra UNA dentro do ambiente rural da ecovila, o projeto fertiliza o campo de encontro destas duas culturas, nos incumbindo a tarefa de lançar as sementes e deixar que a natureza promova os cruzamentos. Diferente da imposição e violação transgênica praticada pela biotecnologia, a proposta é apenas de aproximar os seres, deixando-os à vontade para escolher que elementos cada um deseja incorporar ao seu processo evolutivo. Atenta à importância da

colheita, para que nossa interação produza frutos e novas sementes a serem germinadas, Bia propôs não apenas um espaço de reflexão conceitual, mas sim uma práxis manifesta em obras, intervenções, textos e imagens produzidos por todos nós.

Diferente do movimento que no final dos anos 60 ficou conhecido como Land Art – quando os artistas focaram na relação com a natureza, seus seres e elementos – a reflexão de *Arte e Sustentabilidade* é mais abrangente, pois a situação atual demanda por outro tipo de interação. As questões levantadas pela temática da sustentabilidade são hoje mais profundas e complexas, requerendo estas mesmas qualidades daqueles que se propõem a compreender e refletir o momento de nossa sociedade, sejam eles filósofos, cientistas ou artistas.

Na primeira vinda dos artistas à ecovila, buscamos privilegiar a troca de informações, na qual cada artista apresentou um pouco de seu trabalho para que pudéssemos compreender parte de suas trajetórias e interesses, vislumbrando as possíveis pontes. Já a equipe de Terra UNA formulou uma cartela de possíveis temas sobre sustentabilidade a serem pincelados em pequenas apresentações. A mim coube a tarefa de buscar passar aos artistas uma visão sistêmica de sustentabilidade, no intuito de ampliar

os horizontes sobre a compreensão que temos deste conceito, que transcende a abordagem institucional ou acadêmica.

Em termos pedagógicos, mantenho-me ciente de que não é possível oferecer esta visão de sustentabilidade em poucas horas e que o foco não deve ser de habilitar os participantes a praticá-la. Seria como pedir a um artista que em um workshop explicasse a um leigo o que significa “arte” e suas diferentes acepções, e o capacitasse a criar obras artísticas em diversas linguagens. Sabemos que o resultado seria bastante restrito.

Em vez disso, costumo focar na apresentação de um “vocabulário” da linguagem da

sustentabilidade, num processo parecido a uma alfabetização ecológica, mas com uma abordagem transdisciplinar, que incorpora conceitos de diferentes ciências, culturas e processos, não apenas dos humanos. De fato, boa parte do trabalho é lembrar a humanidade que temos um modelo de sustentabilidade a se inspirar: a biosfera. Carinhosamente chamada por alguns de “Gaia”, a Terra e seus fluxos vêm, há mais de 1 bilhão de anos, sustentando e fazendo evoluir a teia da vida, demonstrando inigualável resiliência e capacidade de manutenção do equilíbrio interno, a despeito de inúmeras alterações nas condições ambientais.

Ainda assim, é importante frisar que



sustentabilidade não é um objeto que possa ser transferido, nem um objetivo que possa ser alcançado. Mas sim um processo. Aqui novamente percebemos a similaridade com a Arte, embora uma obra ou trabalho artístico possa ser finalizado. Já a sustentabilidade é uma qualidade que está em constante movimento, dinâmica e mutável, da qual podemos nos aproximar ou afastar, mas nunca obter. Além disso, é uma propriedade que só se aplica a redes, não a nodos, a sistemas e não a elementos, a relações e não a seres. A humanidade nunca será sustentável. Mas nossa “relação” com o planeta e com os de nossa espécie pode, quiçá algum dia, “estar sustentável”.

Relações é o foco. Interações sustentáveis. Mais uma vez, o projeto *Arte e Sustentabilidade* acertou ao propor a imersão dos artistas na ecovila, o que implica em relacionar-se, com as pessoas e com o lugar. A partir desta relação e primeira leitura, as ideias para os trabalhos poderiam surgir, já com espaço previsto para continuarem a ser desenvolvidas nas semanas seguintes, quando os artistas voltassem para a cidade. Então, após algum tempo, João, Marcos e Laura retornaram para a execução de seus trabalhos em Terra UNA, em mais um ciclo de interações com nossa equipe e com outros artistas que estavam presentes na ecovila.

Estabelecendo pontes

O trabalho proposto por Laura Lima remeteu-me de volta à questão das relações. Precisei fitá-lo por algum tempo para que conseguisse interpretar seu elo com a sustentabilidade. As trilhas sonoras temáticas, montadas para serem escutadas em diferentes momentos durante nosso período de convivência, foram para mim um convite à intimidade, seja entre os ouvintes, ou destes com a autora da obra. Fazer uma seleção de músicas que para nós possuem algum significado e ofertá-las à terceiros é convidá-los a partilhar de nosso íntimo, de nossos interesses, de nossa vida. A vida comunitária para se manter saudável (ou seja, para grupos serem sustentáveis) necessita desta abertura em expor-se, em explicitar preferências e contar de si.

Grupos com histórico de sucesso na arte de permanecer unido, com frequência, são aqueles que abrem espaço para esta partilha. Mais do que isso, são aqueles que partilham de uma visão comum. Conectarmo-nos através da música é apenas uma forma de usar a audição para fortalecer esta visão comum. É uma forma de ouvir o outro empaticamente, mesmo que não através de suas próprias palavras. É saber de seus valores e acessar seus sentimentos. Exercitar outros canais de comunicação e abrir espaço para a escuta são ferramentas que também utilizamos com frequência no intuito de

atentar e sensibilizar as pessoas para a sustentabilidade de nossas relações. É uma poderosa estratégia de estimular a mudança interna, e esta, sem dúvida, é a mais árdua e relevante das transformações que necessitamos promover.

Quando João Modé foi iniciar a execução de seu trabalho, ofereci-me para acompanhá-lo. Nos direcionamos para um local mais remoto da terra, uma trilha que segue para dentro da floresta beirando o rio, que só usamos eventualmente. Embora não seja um local visível ou que esteja presente no cotidiano da ecovila, ficou claro para mim o convite que ele fazia de interagir com a natureza, no qual a própria caminhada para ir visitar sua obra já seria uma experiência de reconexão “intercomunitária”, entre o ser humano, a floresta e seus habitantes. Curioso que ao chegar ao local escolhido, João solicitou-me ajuda para estabelecermos uma forma de cruzar o rio sobre as pedras. Não achei coincidência que minha primeira colaboração visível com a execução do projeto tenha sido estabelecer uma ponte, como uma metáfora ao trabalho de estabelecer conexões sobre sustentabilidade. Era quase um *déjà vu* de minha atuação na primeira visita dos artistas, agora materializada numa pinguela de madeira, que embora firme, simbolicamente nos lembrava da importância do equilíbrio ao entrar no processo.

Quando o vi trabalhando com fones de ouvido, imaginei que fosse para melhor escutar a si mesmo, ao que ele me informou que costuma ouvir música enquanto trabalha. Considerei como uma ratificação da leitura que fiz sobre o trabalho de Laura, constatando a importância da música sobre a ação humana. Fiquei fotografando-o a distância por algum tempo e, à medida que a instalação foi aparecendo, esta revelou-se de uma sutileza e simbologia que impressionavam pela beleza. Estabelecida no leito e margens do rio, a obra me lembrava de aproveitar os fluxos naturais, convidando o espectador a participar destes, à medida que caminhava pelas pedras do riacho. A inserção de pequenos recipientes de argila dentro e

fora da água remetiam à imagem de captação deste fluxo através de elementos naturais, que não contaminem ou agridam o ambiente, lição ainda a ser aprendida pelos humanos. O elo estabelecido entre os recipientes aquáticos e terrestres (ou aéreos) literalmente traz à tona a importância das conexões, do utilizar-se do movimento natural em um local para reverberá-lo a outros. Um caminhante desatento que por ali cruzasse no futuro, quem sabe teria até se assustado com o movimento autônomo dos potinhos pendurados, e caso não percebesse a sutil conexão destes com seus irmãos submersos, poderia até cogitar se seriam forças telúricas ou elementares que os animavam. Não resisti a imaginar que intervenções similares de

“arteiros” do passado possam ter sido desencadeadoras de lendas e mitos sobre a floresta, quem sabe até afastando humanos do contato com a natureza. Hoje, João faz uso de estratégia similar para nos reaproximar...

Voltando da trilha pela floresta, cheguei ao local onde acontecia a composição coletiva da obra de Marcos, um mosaico na parede de uma de nossas infraestruturas. O link com o discurso da sustentabilidade é direto e evidente: reaproveitar materiais que são vistos como resíduos, dando-lhes uma sobrevida e utilidade estética. A obra foi sendo espontaneamente desenhada pelos participantes, que iam fazendo uso não apenas de cacos de cerâmica, mas também de uma gama de objetos que estavam ali jogados pelo espaço, que agora afixados na parede explicitavam sua ex-inutilidade. Independentemente dos resultados finais alcançados, o trabalho de Marcos Cardoso costuma surpreender o apreciador da obra quando este descobre o material base utilizado. A percepção de que um totem pode ser criado apenas com pontas de cigarro, ou que um Picasso é reproduzido com sacolas plásticas coloridas, faz com que a reflexão sobre “o que é lixo?” seja inevitável. Alguns dizem que é apenas “algo fora de seu lugar”. Marcos tem o dom de encontrar o lugar de cada coisa, transferindo-a do mais baixo patamar de resíduo indesejável ao de obra de arte cobiçada. Para isso, em geral não

acrescenta outro recurso a não ser seu habilidoso trabalho manual. Mais uma lição a ser aprendida por todos nós.

Ao trabalhar com mosaicos de cerâmica, Marcos faz uso de um refugo de obras (daquelas não artísticas) que frequentemente é ignorado e desprezado como matéria-prima ainda disponível. Um dos setores com maior volume de produção de resíduos, consumo energético e impactos ambientais (seja na produção de seus insumos ou na construção e manutenção da estrutura) a construção civil é um dos processos antrópicos com muito ainda a ser aprimorado.

Atualmente, a iminente escassez de recursos faz cientistas e empresários debruçarem-se na busca urgente de soluções que garantam a continuidade tanto de nossos sistemas de produção como da satisfação das necessidades humanas. Em um dos aspectos de sua vertente econômica, a sustentabilidade é vista como uma estratégia para garantir a disponibilidade destes recursos, na busca de otimizar processos para utilizar apenas o necessário e reduzir desperdícios. Compreendendo a conexão entre todas as atividades humanas, a Arte, como atividade também consumidora de recursos, não pode se eximir desta reflexão.

Assim como todas as outras áreas, ela precisa atentar para esta problemática, investigando desde já as práticas para otimização de processos e o fechamento de seus ciclos, de forma a garantir a permanência de deste canal de expressão da natureza humana.

Felicidade sustentável

Joseph Beuys afirma que “libertar as pessoas é o objetivo da arte, portanto a arte para mim é a ciência da liberdade”. Considero que embora tenda a ser vista como uma ciência de restrições à humanidade, a sustentabilidade é também uma ciência de liberdade, embora seu foco esteja na garantia desta liberdade a longo prazo, e não na satisfação indiscriminada e inconsequente de nossos desejos imediatistas. Se a noção de liberdade sugere em muitos de nós a capacidade de fazer o que se quer, a qualquer momento, vale então lembrar que “qualquer momento” precisará ser “qualquer época” da civilização humana.

Mas como garantir nossa liberdade em um mundo onde os limites estão sendo alcançados? Limites ao uso dos recursos naturais, às desigualdades sociais, ao desentendimento entre diferentes visões de mundo, à contaminação do meio ambiente, à concentração de gases de efeito estufa, à temperatura máxima do planeta... Ultrapassando estes limites, não apenas nossa liberdade estará comprometida, mas

também nossa felicidade!

Inspirado por Beuys, ousou então sugerir que a “sustentabilidade é ciência da felicidade”. Não apenas do indivíduo ou sua espécie, mas da vida no planeta. Faço votos de que, aliadas, a poesia da arte e a prosa da sustentabilidade encontrem uma linguagem de sinergia, e consigam promover a libertação e felicidade humana de forma integral e sustentável.

INTERFACES SALUTARES POR FILIPE FREITAS

O conceito de sustentabilidade é muitíssimo complexo e contém em si uma gama de interpretações que abrangem dimensões sociais, econômicas e ambientais.

Neste texto quero sugerir sustentabilidade como a característica essencial de Gaia, o planeta visto como um ser planetário, um organismo biosférico, uma entidade viva à qual pertencemos como indivíduos e como sociedade.

Ao longo de 4 bilhões de anos de vida, o planeta se comportou como uma grandiosa entidade autorreguladora que vem mantendo as condições habitáveis de sua superfície.

Um majestoso processo de criação e adaptação entre micro-organismos, algas, fungos, plantas, animais, minerais, gases e água está em curso, operando a maravilha da evolução, aproveitando-se da abundante fonte de energia solar e movendo-se inventivamente em direção ao futuro.

Dotada de um imperativo auto-organizador que rege poeticamente as habilidades de aquisição de energia para sua autoperpetuação, a Terra se mantém em condições favoráveis para que os seres que a compõem possam se criar, se recriar e cocriar a vida. Isto é sustentabilidade.

Experimento biológico

Coube a nós sermos agentes de um fascinante, e ao mesmo tempo arriscado, experimento biológico nesta trajetória evolutiva de Gaia. Ao manejarmos, pela primeira vez em toda a história natural, um tipo especial de consciência que opera através da consciência sobre si mesma¹, estivemos, ao longo dos últimos 200 mil anos, em um processo contínuo de experimentações de formas e linguagens que trazem à tona a própria consciência da Terra sobre si mesma.

Neste percurso histórico nos deparamos com bifurcações² decisivas, dentre as quais quero enumerar duas. A primeira delas foi o impulso primitivo do ser humano de manifestar esse tipo especial de consciência através da arte. Desde os tempos primordiais, expressamos a magnitude extraordinária e a

1 Todos os seres, desde as mais simples bactérias, são dotados de consciência. Sabem buscar alimento, escolher os ambientes mais favoráveis, escapar ou abater os inimigos etc. Mas somente nós somos conscientes de que estamos conscientes. "Ser consciente de ser consciente" é o que nos distingue de todo o restante dos seres vivos do planeta (Ver Sahtouris, 1997, Russell, 1991, e Maturana e Varela, 2001).

2 Os estudos da auto-organização mostram que a dinâmica do desenvolvimento, aprendizado e evolução dos sistemas vivos caracteriza-se pelo surgimento espontâneo de novas formas de ordem. Quando o fluxo de energia aumenta, o sistema pode chegar a um ponto de instabilidade chamado de "ponto de bifurcação", no qual existe a possibilidade de saltar para um estado totalmente novo, cujas propriedades não podem ser previstas pelo sistema antes da bifurcação. (Ver Maturana e Varela, 2001, e Capra, 2002)

profundidade caórdica³ dos potenciais criativos da consciência através de simbologias arquetípicas, abstratas, pluriversais, ambíguas, representacionais em incontáveis suportes e processos, dando vazão à inventividade que é o nosso maior legado para o fenômeno da vida. Ouso dizer que toda a evolução cultural e tecnológica advém desse impulso ancestral de manifestação artística.

A segunda bifurcação decisiva que acometeu nossa trajetória histórica e que se faz aqui pertinente abordar é o processo cognitivo que

3 Sistemas complexos que fazem emergir espontaneamente novas ordens apresentam um comportamento ao mesmo tempo caótico e ordenado, imprevisível e padronizado. A palavra "caórdico" se propõe a expressar este paradoxo que caracteriza os seres vivos. (Ver Esteves de Vasconcellos, 2002)

desconectou a consciência humana do fluxo maior de consciência planetária.

Provavelmente situações limítrofes reforçaram em nós a crença de que somos superiores e/ou mais importantes e ocupamos lugar central na criação, estabelecendo metas culturais que nos antagonizaram aos princípios que regem a auto-organização de Gaia e geraram dissociação às custas da nossa própria fonte primária de vida. Este era o principal risco do grande experimento biológico da consciência autorreflexiva: o de esta acreditar que era ela mesma o objetivo da vida em si e desconectar-se do sistema mais amplo que a gerou.

Tomamos o rumo do encapsulamento, do ensimesmamento, da desconexão com o ser

planetário vivo, e esta rota nos colocou na contramão da sustentabilidade. Estamos impondo à Gaia algo que se assemelha a uma enfermidade autoimune, em que constatamos o solapamento dos ecossistemas na busca por satisfação dos desejos insaciáveis da sociedade humana.

O dilema da atualidade e a busca por sinergia

Alcançamos os tempos de hoje com a marca profunda destas duas grandes bifurcações. Ao mesmo tempo em que somos o ápice da criatividade, dotados de formidável capacidade adaptativa, responsáveis por uma gama extraordinária de invenções que nos põem diante do ínfimo e do imenso infinitos, do movimento ininterrupto de geração de ordens cada vez mais

complexas, das potencialidades que transcendem os limites da imaginação, somos também a doença que se infiltra nas artérias do planeta e que, como sociedade consumista, despeja volumes cada vez mais letais de lixo e toxinas, pondo efetivamente em risco a vida na Terra.

Não foi por acaso que versei sobre esses dois fenômenos históricos da trajetória humana. Afinal, eles contextualizam o projeto *Arte e Sustentabilidade*, ação que se propõe a ser uma interface entre o mundo das artes contemporâneas e o da educação para a sustentabilidade. O projeto se integra a um movimento de síntese para tecer novas conexões e costurar o tecido social com perspectivas de transformação de conceitos e práticas que

definem os valores regentes do ambiente cultural. Assim se estabeleceu um diálogo entre nossa equipe de educadores – introduzindo a pedagogia da sustentabilidade como contexto criativo – e os três artistas convidados, com trajetórias reconhecidas de realização da arte na imensidão criativa da contemporaneidade.

Neste ínterim compreendi esse diálogo como uma conciliação da problemática com a poética, em que um mútuo enriquecimento se dá pela voz da natureza, aqui neste texto personificada em Gaia, e nos preceitos para a harmônica realização de qualquer coisa que em si faz brotar o entendimento transcendente do que dá sentido a toda forma de expressão.

O fruto dessa profícua convivência virá na forma

deste catálogo, de palestras, de conteúdos em plataforma eletrônica e das próprias obras, podendo influenciar positivamente tanto o movimento mais investigativo, político, pragmático, quanto aquele mais sutil, sensível e contemplativo.

Mesmo que as obras não tragam a reflexão direta, não denotem explicitamente a sustentabilidade em seu cerne, espera-se que os artistas por trás das obras possam incorporar visões consistentes da transição para a sustentabilidade em seus cotidianos, em seus comportamentos, nas conversas de bar, nas vernissages, em seus grupos de criação. E que os ativistas da sustentabilidade incorporem cada vez mais em seu design a astúcia, a harmonia, a estética e a fruição da vasta



amplitude de possibilidades aventada pelo fazer artístico.

O espaço de Terra UNA acolhe este diálogo desde sua fundação como ecovila, e a presença desses artistas foi uma forte injeção de consistência na espiral ascendente da síntese entre arte e ciência que advém como propósito do grupo residente.

Bibliografia

CAPRA, Fritjof. *As Conexões Ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2002

ESTEVES DE VASCONCELLOS, Maria José. *Pensamento Sistêmico – o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papyrus, 2002

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A Árvore do Conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 2001

RUSSELL, Peter. *O Despertar da Terra – o cérebro global*. São Paulo: Cultrix, 1991

SAHTOURIS, Elisabet. *A Dança da Terra*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998



UMA PONTE POÉTICA ENTRE ARTE E SUSTENTABILIDADE POR DIOGO ALVIM

Quero através das palavras ir além delas, assumindo que nem sempre há vocabulário para expressar o que está vivo e sustentando o que observo. Falar sobre arte e sustentabilidade pode parecer uma busca de incluir um no outro que traz pouco caldo para o que está realmente em jogo. Me disseram que arte é uma mentira que nos lembra da verdade e encontro nesta definição uma brecha para começar.

Quero partir de algo bem simples para não me perder, e neste caminho arte é expressão. Expressão não é necessariamente comunicação, pois, da forma como entendo, comunicar requer expressar e escutar, num diálogo. No silêncio da escuta muita coisa acontece e algum sentido comum pode ser partilhado. A arte me parece preenchida deste convite, o artista se expressa e o convite está feito para a verdade de que por debaixo de qualquer escuta há um encontro.

Neste encontro algo é sustentado. Pode ser uma celebração ou um desconforto, e sendo um ou outro um movimento acontece, dentro e fora. É como se através desse aparente monólogo a arte fizesse seu

convite ao diálogo sem finalidade dirigida. Nesse campo quase misterioso e aberto posso ver elementos do que entendo por sustentabilidade.

Assim, arte e sustentabilidade partilham uma direção comum, indefinida. A busca pela sustentabilidade não se limita à busca pelos materiais de baixo impacto ou de origem coerente com tudo que queremos cuidar e não está sendo cuidado em termos socioambientais. A sustentabilidade também é uma expressão, e também é um convite ao diálogo.

À medida que investigo suas fronteiras vejo as fantasias que com outras roupagens às vezes mascaram aquela mesma verdade que a arte

nos ajuda a lembrar, de que há muito mais nos conectando do que nos separando, e nossas formas de participar deste grande cenário da vida são expressões de diferentes caminhos na direção do pertencimento e da conexão.

Minha experiência ao escutar a expressão de João Modé, Laura Lima e Marcos Cardoso foi a de perceber convites muito singulares de conexão. No convite do João eu vi ancestralidade e silêncio como se pudesse me lembrar de uma qualidade de presença calma e contemplativa que quase como uma lupa desvela um mundo que sempre está perto quando estou entregue e longe quando a pressa é mais forte que a pausa.

Laura também trouxe um convite de encontro como uma celebração da escolha consciente ou não de estar em convívio. A música era catalisadora e amplificadora de uma verdade de sentimentos que nos visitam e nem sempre entendemos, mas que com frequência nos impelem ao encontro mais ou menos liberado das permissões ou repressões que a cada sentimento atribuímos.

Marcos trouxe a festa, a lembrança de que o tesão é uma força sagrada e podemos sim dar conta de viver nessa intensidade. O “estado obsessivo” pode ser um estado de entrega profunda e de presença. No fazendo nos encontramos e todos estão convidados, a porta está aberta. O compromisso

é muito mais com o processo do que com o resultado, e isso já é por si uma oferta.

E o que dentro de todas essas formas de expressão faz ponte com a ideia de sustentabilidade?

Nesta investigação infinita vejo que a imprecisão é mais consistente que uma tentativa de definição. Portanto a ponte que vejo é movimento. A base de qualquer tentativa de criar contextos ou ciclos sustentáveis está em ser capaz de incorporar o movimento da mudança permanente ao processo de criação ou de gestão.

Quase como uma força elementar, o movimento que traz a mudança está muito bem incorporado

no que eu entendo como arte que liberta o que parou, no tempo, no corpo ou nas ideias estabelecidas.

Esta interface tão abstrata atende minha necessidade de simplicidade. É como se quanto menos eu busco interpretar, mais espaço crio para não atrapalhar uma expressão “natural” que lembra a humanidade compartilhada por trás das palavras ou comportamentos que insistem em nos diferenciar. Estas palavras precisam ser entendidas como um processo investigativo nascente. A ponte teórica entre esses dois conceitos é uma fronteira entre mundos que há muito tempo acreditaram estar distantes, e a poesia talvez seja fundamental para essa aproximação. Existe uma poesia compartilhada que conecta o referencial científico ao referencial artístico ainda a ser mais experimentada.

Esta poesia tem a ver com ciclos, com conexão, com movimento e comunicação. Ela supera as ideias fixas e as ilusões dos limites arbitrários que aprendemos a acreditar que são reais. E todas as crenças são um aprendizado suscetível ao tempo, à cultura e ao movimento que traz mudança.

As ideias de arte e sustentabilidade não dão conta do que acontece quando acessamos alguma coisa parecida com a ideia de fonte, de onde retiramos a inspiração e a criatividade, a intuição e o poder de expressão e comunicação que inclui e transcende as palavras e as ideias do que está querendo emergir.



